

## Atlas linguístico do Amapá: estudos dialetais e métodos de pesquisa

Romário SANCHES<sup>1</sup>

Celeste RIBEIRO<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho pretende mostrar a relevância da elaboração de um atlas linguístico, evidenciando a diversidade linguística já apresentada em atlas publicados. Desta forma, o objetivo é mostrar como o projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP) será executado, mediante a pesquisa dialetológica, bem como relatando algumas experiências das pesquisas já realizadas. Deste modo, acredita-se que o Atlas Linguístico do Amapá oferecerá subsídios a inúmeras áreas do conhecimento, uma vez que apresentará a documentação do português falado no Amapá.

**Palavras-chave:** Atlas Linguístico; Geografia Linguística; Dialectologia.

**Abstract:** This study aims to show the relevance of developing a linguistic atlas for Amapá, showing the linguistic diversity ever presented in atlas published. Thus, the goal is show how the project of the Linguistic Atlas of Amapá ALAP- will run through dialectologic research and reporting some experiences of previous studies. Thus, the Linguistic Atlas of Amapá provide grants to numerous areas of knowledge, since submit documentation of Portuguese spoken in Amapá.

**Keywords:** Linguistic Atlas; Linguistic Geography; Dialectology.

### Introdução

Para entendermos o processo de elaboração do Atlas Linguístico do Amapá, precisamos entender um pouco sobre como se firmou a construção dos atlas linguísticos já existentes no Brasil, incluindo a proposta do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, no qual, Cardoso (2009) mostra alguns estudos anteriores ao então projeto ALiB, mas que de alguma forma estão ligados aos ramos de pesquisa referentes aos estudos da dialetologia e da geografia linguística ou geolinguística.

Alguns estudos de natureza dialetal no Brasil são descritos por Ferreira e Cardoso (1994), em três grandes fases. A primeira vai de 1916 a 1920, data de publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu

---

1 Especializando em Estudos Linguísticos e Análise Literária pela Universidade do Estado do Pará. Membro do Grupo de Pesquisa Atlas Linguístico do Amapá. Correio eletrônico: [duarte.romrio@gmail.com](mailto:duarte.romrio@gmail.com)

2 Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amapá. Professora efetiva do Colegiado de Letras da Universidade Federal do Amapá. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Atlas Linguístico do Amapá. Correio eletrônico: [celribeiro042002@gmail.com](mailto:celribeiro042002@gmail.com)

Amaral. Os trabalhos de Amaral são caracterizados como estudos voltados para o léxico, do qual, resultaram numerosos dicionários. A segunda fase inicia-se com a publicação de *O dialeto caipira* (1920). O conhecimento empírico da realidade linguística e ausência de trabalho de campo sistemático, que marcaram a primeira fase, permanecem como traço da segunda fase, porém, já se tem uma preocupação maior com a metodologia utilizada nos estudos dialetológicos. Destacam-se aqui dois trabalhos, o referenciado na primeira fase, *O dialeto caipira* e *O linguajar carioca* em 1922 de Antenor Nascentes.

O marco da terceira fase data do ano de 1952 com o decreto 30.643 de 20 de março de 1952, no qual previa a elaboração do atlas linguístico do Brasil. Segundo Ferreira e Cardoso (1994), merecem destaque especial, pelos trabalhos até então realizados e pelas contribuições dadas e principalmente pela implantação dos estudos de geografia linguística, os autores Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Outro momento importante e que deu impulso aos estudos dialetais e sociolinguísticos foi o Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil realizado na Universidade Federal da Bahia em 1996. Segundo Cardoso (2009, p. 187) esse espaço foi favorável à construção do projeto Atlas Linguístico do Brasil, pois “reuniu pesquisadores no campo da dialetologia, contando com a presença de todos os autores de atlas linguísticos até àquela época já publicados”.

Assim, em 1996 no Seminário, já mencionado, constitui-se a equipe responsável pela concretização do Projeto ALiB. Atualmente, esse Projeto é integrado nacionalmente e conta com a participação de diversas Universidades Federais, cujos membros que formam o Comitê Nacional são: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso Diretora Presidente - Universidade Federal da Bahia, Jacyra Andrade Mota Diretora Executiva - Universidade Federal da Bahia, AbdelhakRazky Diretor Científico - Universidade Federal do Pará, Maria do Socorro Silva de Aragão Diretora Científica - Universidade Federal do Ceará/ Universidade Federal da Paraíba, Mário Roberto LobuglioZágari (in memoriam) Diretor Científico - Universidade Federal de Juiz de Fora, Ana Paula Antunes Rocha Diretora Científica - Universidade Federal de Ouro Preto, Vanderci de Andrade Aguilera Diretora Científica - Universidade

Estadual de Londrina, Aparecida Negri Isquerdo Diretora Científica - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Felício WesslingMargotti Diretor Científico - Universidade Federal de Santa Catarina, Cléo Vilson Altenhofen Diretor Científico - Universidade federal do Rio Grande do Sul, Walter Koch (in memorian) Diretor Científico - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Esse Comitê instituiu os objetivos do projeto ALiB e considerou a documentação de 250 localidades distribuídas por todo o território nacional e representativas das diversas regiões. Vale ressaltar que o Projeto ALiB impulsionou significativamente a produção de atlas linguísticos no país nos dias atuais, uns já elaborados e outros em andamento.

Destaca-se que, na Região Norte, ainda há carência de estudos dialetais, apesar de o Pará e o Amazonas já terem publicado seus atlas. Assim, visando à ampliação dos estudos geossociolinguísticos na região, surgiu a proposta de desenvolver o atlas linguístico do estado do Amapá. Tal Proposta nasceu durante o curso de Mestrado em Letras da atual coordenadora do Projeto Atlas Linguístico do Amapá - ALAP, professora Msc. Celeste Ribeiro sob a orientação do Professor AbdelhakRazky, em 2007, na Universidade Federal do Pará - UFPA. O referido Projeto veio somar com os estudos já realizados na Região Norte e impulsionar novos estudos dialetais e sociolinguísticos.

### **Projeto Atlas Linguístico do Amapá- ALAP**

O ALAP é um Projeto que visa, de forma geral, elaborar o AtlasGeossociolinguístico do Amapá, buscando identificar e mapear a variação linguística em 10 localidades do Estado, procurando evidenciar as variedades linguísticas mais e menos recorrentes, assim como as variações fonéticas e semântico-lexicais características de cada região. Ressalta-se aqui a definição de Atlas Linguístico dada por Brandão (1991), descrevendo como um conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico.

Para o desenvolvimento da pesquisa serão seguidos os pressupostos teórico-metodológicos da geografia linguística ou geolinguística e da sociolinguística variacionista. Vele ressaltar, como

afirmam Ferreira e Cardoso (1994) e Cristianini (2012), que a geografia linguística ou geolinguística é um método utilizado pela dialetologia e não uma ciência.

O projeto Atlas Linguístico do Amapá concretizar-se-á a partir de três etapas:

- 1ª Etapa (concluída): realizou a formação e treinamento do grupo de pesquisadores interessados em participar da pesquisa, ocorreu no período de março a agosto de 2011;
- 2ª Etapa (em andamento): está concentrada na realização da pesquisa *in loco*, com a localização de informantes, que são 04 (quatro) nos municípios, sendo duas mulheres e dois homens com idade entre 18 a 30 anos e 50 a 70 anos, com nível de escolaridade fundamental incompleto; na capital, acrescentam-se mais 04 com o mesmo perfil, mas com escolaridade superior completa; a execução das entrevistas, considerando os dez pontos linguísticos que vão ser pesquisados. Essa etapa está sendo desenvolvida desde novembro de 2011 e a previsão de término é julho de 2013.
- 3ª Etapa: iniciou em janeiro de 2013, voltar-se-á para as transcrições das gravações, revisão das transcrições e análise dos dados coletados, tendo em vista a sistematização, organização e publicação dos resultados, cujo prazo está previsto para novembro de 2014.

Através dos estudos que estão sendo feitos, poderemos traçar um perfil geossociolinguístico do falar amapaense, podendo, posteriormente, fornecer dados reais aos professores de educação básica e superior para que eles possam desenvolver pesquisas e trabalhar em sala de aula com os alunos a ocorrência da variação linguística, estimulando, assim, o interesse pela pesquisa linguística de caráter variacionista. Atualmente, o grupo de pesquisa ALAP é composto por 16 acadêmicos colaboradores, sendo 09 professores da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e 01 professor da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Para o desenvolvimento da pesquisa foram selecionados 10 pontos de inquérito, os quais se constituem de 10 municípios: Macapá, Santana, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Oiapoque, Calçoene, Amapá, Tartarugalzinho, Porto Grande e Mazagão.

Embora o estado do Amapá seja formado por 16 municípios, foram estabelecidos alguns critérios de seleção, entre os quais destacam-se, de acordo com as sugestões de Tarallo (2003) e Ferreira e Cardoso (1994): a situação geográfica de cada município, a história que cerca as localidades selecionadas, o povoamento que nela se processou, a

situação econômica atual e passada, a situação demográfica, e enfim, o conjunto de caracteres que demarcam e distinguem esses municípios de outras áreas.

Figura 1: Pontos de inquérito

### ATLAS GEO-LINGUÍSTICO DO AMAPÁ



## A pesquisa dialetológica e contribuições à sociolinguística

Entende-se por dialetologia, conforme Cardoso (2010), um ramo dos estudos linguísticos que assume a tarefa de identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Esses trabalhos procuram observar as relações entre espaço geográfico e fatos linguísticos na tentativa de compreender o fenômeno da variação linguística a partir dos estudos feitos em campo de pesquisa (*in loco*). Também, para Oliveira (2005), a importância da pesquisa dialetológica volta-se para a preocupação com a diversidade linguística existente no país, em virtude de sua extensão territorial e das influências linguísticas recebidas.

Na década de 80, esse campo de pesquisa era pouco vislumbrado, conforme o referido autor, era complicado falar em dialetologia, em algumas universidades brasileiras, principalmente, naquelas onde são fortes as áreas de estudos que consideram somente as correntes do gerativismo, da análise do discurso, da sociolinguística, da aquisição da linguagem, entre outras.

Como mostram Ferreira e Cardoso (1994), a dialetologia é uma ciência que brotou nos fins do século XIX, em que demonstrou,

e demonstra até os dias de hoje, um maior interesse pelos dialetos regionais, rurais e sua distribuição e intercomparação. Assim, há muito tempo, antes mesmo da sociolinguística ter se firmado como um ramo da ciência e da linguagem, a dialetologia já se utilizava de recursos interpretativos que passaram a ser posteriormente definidos como da sociolinguística.

Desta forma, quando se fala em dialetologia e sociolinguística entende-se ambas como o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos da fala.

Ainda é afirmado por Ferreira e Cardoso (1994 *apud* SILVA-CORVALÁN, 1988) que a sociolinguística e dialetologia são consideradas, até certo ponto, sinônimas, uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada. Contudo, é indiscutível que a dialetologia trouxe importantes contribuições à sociolinguística e à linguística geral.

### *Estudos dialetais no Amapá*

No estado amapaense, esse tipo de pesquisa é quase inexistente, existe um número bem reduzido de trabalhos que discutem as pesquisas na área dialetal e sociolinguística, reduzem-se a alguns artigos e monografias que não ultrapassam os arquivos da biblioteca universitária pela falta de divulgação dessas pesquisas. Apesar da carência, hoje já está se tentando mudar esse quadro e o Projeto ALAP veio justamente com esse propósito — o de tentar impulsionar novos estudos nessa área — uma vez que ainda usufruímos das contribuições de grandes pesquisadores, como os pioneiros: Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Cândido Jucá Filho, Sílvio Elia, Celso Cunha, Nelson Rossi e entre outros. Estes autores de inúmeros trabalhos dialetais nos deixaram o registro de suas pesquisas que muito têm contribuído para o desenvolvimento de novas pesquisas no Amapá.

Porém, as transformações tecnológicas, sociais, culturais e científicas, principalmente impuseram que fossem estabelecidas normas gerais para orientar e coordenar o desenvolvimento de pesquisas dialetológicas, especialmente no que concerne à produção de atlas linguísticos. Desse modo, as pesquisas dialetais seguem alguns passos metodológicos uniformes, estes serão citados posteriormente, visando orientar a investigação, de forma que se obtenham bons resultados na pesquisa *in loco*.

Assim, para Ferreira e Cardoso (1994), são determinadas quatro

etapas principais que devem ser observadas na pesquisa dialetal:

- preparação da pesquisa;
- execução dos inquéritos;
- explicitação e análise dos materiais recolhidos;
- divulgação dos resultados obtidos.

Além dessas diretrizes, Oliveira (2005) assevera que a metodologia da sociolinguística serve para a seleção de informante, chama a atenção para o paradoxo do observador, orienta para um método de entrevista mais dinâmico, o que vai favorecer uma melhor coleta de dados para o estudo em questão e apresenta os fatores extralinguísticos adequados para a estratificação dos informantes.

### **O Atlas linguístico do Amapá: coleta de dados e algumas experiências da pesquisa dialetal**

Vale lembrar que se discorreu até agora sobre a pesquisa dialetal de forma geral, comumente utilizada nos Atlas Linguísticos já elaborados ou em andamento. Tratando-se do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP) essas informações não se distanciam, pelo contrário são concernentes à pesquisa em execução. Ressaltam-se aqui algumas experiências da pesquisa *in loco* feitas para a elaboração do ALAP, em que se utilizou para a coleta de dados o questionário fonético-fonológico, o semântico-lexical, além do relato de uma experiência pessoal.

O primeiro momento, para a execução da pesquisa *in loco*, foi preparar os inquiridores principais e auxiliares, através de orientações em *Workshops* organizados pelo grupo de pesquisa. Uma vez preparados os inquiridores, buscar-se-iam os informantes adequados para a entrevista, após isso, entrar em contato com cada um e marcar a melhor data, horário e local para a coleta. Todos esses passos foram seguidos, porém o que ainda dificulta a realização das entrevistas no período determinado é a localização do informante adequado em cada município.

Os pontos já coletados totalizam 06 municípios: Porto Grande, Amapá, Laranjal do Jari, Calçoene, Pedra Branca e Tartarugalzinho. Em dois, a coleta está em andamento: Santana e Macapá. Durante as entrevistas realizadas, foram feitas as seguintes observações, a primeira está ligada ao chamado "Paradoxo do Observador", que para Caruso (2005), consiste em o próprio pesquisador ser um elemento

estranho para o informante, ou seja, um desconhecido, munido de gravador, lápis e papel, falando uma língua diferente, não tão comum ao dia-a-dia do informante.

Este aspecto foi observado durante a pesquisa *in loco*, e para anular tal situação tentamos através de uma linguagem simples, informal, a aproximação com o informante e mantê-lo o mais espontâneo possível, assim como deixá-lo solto, à vontade e confortável para a conversa (entrevista) que se teria naquele momento. Vale ressaltar também, conforme fomos orientados, que não é recomendável durante o inquérito comunicar ao informante que ele será "entrevistado" ou que serão feitas algumas "perguntas", estas são expressões que devem ser evitadas, pois pode deixar o informante apreensivo e ele pode vir a falsear os dados. Por isso, recomenda-se falar que se trata apenas de uma conversa sobre assuntos do dia-a-dia, sobre a vida e os costumes corriqueiros da cidade.

Dessa forma, acredita-se que os informantes tornam-se confiantes, ficam mais tranquilos e seguros com a presença do inquiridor.

Ressalta-se, ainda, que antes do início da conversa com o informante é necessário que o inquiridor principal e auxiliar conheçam todo o questionário, para que não tenham dúvidas no momento da entrevista. A presença do inquiridor auxiliar durante as entrevistas realizadas é indispensável, pois este inquiridor faz anotações que o inquiridor principal esquece, devido a outras atividades que está desempenhando. Tal situação de fato aconteceu em algumas das entrevistas que realizamos, além de o auxiliar ajudar também em momentos em que o inquiridor principal esgota todas as possibilidades de perguntas ao informante, para extrair dada resposta.

Outros fatores a serem mencionados aqui são os imprevistos que acontecem durante a pesquisa de campo. No decorrer de nossa coleta de dados tivemos algumas dificuldades relacionadas principalmente ao local das entrevistas, que, geralmente, o informante queria que fosse em sua residência, logo tentamos nos adequar ao ambiente, procurando um espaço tranquilo, calmo e sem intervenção de ruídos e barulhos.

Mas ainda assim, em alguns momentos das entrevistas fomos interrompidos por pessoas da família chegando, vizinhos, crianças gritando, telefone tocando, entre outras. Em função disso, tínhamos que a todo o momento pausar a gravação e recomeçá-la quando se

encerravam as interrupções, fazendo com que atrasassem os trabalhos, cansando tanto o inquiridor como os informantes e, assim, tornando a entrevista extremamente longa.

Estas intervenções observadas durante as entrevistas foram motivos de perda de alguns dados coletados, pois as informações gravadas foram obstruídas por ruídos, e, conseqüentemente, não se conseguia entender com clareza o que o informante dizia. A solução para tal fato foi conversar com a informante, explicar a situação e verificar se podíamos refazer a entrevista. Nesse caso, a informante por ser muito simpática e atenciosa concordou sem nenhum problema.

Porém ressaltamos que nem sempre encontramos pessoas com disponibilidade e simpatia para ajudar e, por isso, o ideal é que procuremos evitar tais situações, alertando o informante de que no horário combinado para a conversa, que não sejamos incomodados e que se combine um horário que não haja muitas intervenções ou que elas sejam mínimas.

Vale destacar, ainda, que, antes de iniciar a conversa, é indispensável avisar o informante que levará algumas horas e que a pessoa precisa estar disponível, assim, evita-se qualquer transtorno, como ter que interromper a entrevista por um compromisso do informante.

Sobre os relatos de uma experiência pessoal, de início os informantes diziam que não tinham nada de interessante para contar; mas, para que o informante pudesse ser encorajado a relatar, dávamos algumas sugestões como "você pode contar algo que julgue ser importante para você, ou contar alguma situação que aconteceu com um amigo, familiar, ou até mesmo aqui na cidade". Dessa forma, as situações iam aparecendo até que o informante se situasse e pudesse compartilhar esse momento conosco.

Para Caruso (2005), nos relatos de experiência pessoal se encontram textos e reações de todo tipo, os textos obtidos são discursivos e neles encontramos, principalmente, a fala distensa. Os relatos não servem apenas como material discursivo, pois funcionam também como ponto de referência para classificar o tipo de linguagem empregado pelo informante naquele texto.

Outra situação que não podemos esquecer e que é citada por Caruso (2005) é o fato de que o trabalho de campo esgota o pesquisador,

por fazer sempre a mesma tarefa, dia após dia, semana após semana. Porém o que torna a pesquisa gratificante é ter um informante que está ali para ajudar e que ao término da entrevista vai lhe dizer, por exemplo, “já tô velho... a memória tá fraca... o senhor me desculpa... eu num saber responder tudo”, sendo que ele foi o que mais ajudou e não pediu nada em troca.

Contudo, a partir de nossa experiência, percebemos a relevância desse tipo de pesquisa para os estudos dialetais, não só pelo contato com as pessoas de lugares diferentes, mas também pelo aprendizado proporcionado por elas em relação à cultura, aos costumes e aos hábitos locais. Concordamos com Oliveira (2005) quando assevera que a pesquisa dialetológica deve ser aprimorada com metodologias mais eficientes e que disponham das experiências relatadas por dialetólogos e pesquisadores afins, na intenção de que possam contribuir cada vez mais para a elaboração de atlas por meio de descrições criteriosas, além de análise e interpretação de fatos linguísticos com maior propriedade.

### **Algumas considerações**

Diante do que foi retratado aqui, concluímos que o Amapá, em termos de pesquisas na área de códigos e linguagens, tem muito a ganhar e a oferecer para o âmbito universitário e social como um todo. Pois, o Atlas Linguístico do Amapá só será possível através de conquistas, concretização das perspectivas e vencimento dos desafios, mesmo que estes sejam árduos. Mas, para que isso possa acontecer, de fato, precisaremos do apoio e colaboração dos professores e estudantes pesquisadores, e não menos importante destacamos o comprometimento de instâncias públicas para com o conhecimento científico e sistematizado no estado.

Destacamos aqui novamente que a construção de um novo Atlas Linguístico oferece subsídios a inúmeras áreas do conhecimento, como a antropologia, a etnolinguística, a lexicologia, a sociolinguística, e entre outras. E por fim, então ratificar que o ALAP fornecerá uma ampla “fotografia” do português falado no Amapá. Desta forma, já podemos perceber que os primeiros passos foram dados e que as pesquisas na área da sociolinguística e dialetologia foram impulsionadas e já começam a ser fortalecidas no cenário acadêmico do estado com as apresentações de alguns trabalhos monográficos e pesquisas expostas

em congressos, encontros, seminários, *workshop* e tantos outros eventos, nos quais o grupo de pesquisa Altas Linguístico do Amapá participa.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci. **A Geolinguística no Brasil**: estágio atual. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, pp. 215-238, dez. 2006.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB**: descrição e estágio atual. revista da ABRALIN, v.8, n. 1, pp. 185-198 jan./jun. 2009.

\_\_\_\_\_. **A Geolinguística no terceiro milênio**: monodimensional ou pluridimensional? Disponível em: < [www.gelne.ufc.br/revista\\_ano4\\_no2\\_12.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_12.pdf)> Acesso em: 11 de jul. de 2011.

\_\_\_\_\_. **O Atlas Linguístico do Brasil**: uma questão política. Disponível em: <[http://www.ufpa.br/alipa/atlas\\_brasil.htm](http://www.ufpa.br/alipa/atlas_brasil.htm)> Acesso em: 11 de jul. de 2012.

CARUSO, Pedro. **Metodologia da pesquisa dialetológica**. In: AGUILERA, V. et al. (orgs). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005. p. 373-380.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

OLIVEIRA, Derci Pedro de. **O estudo dialetológico no Brasil**: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho? AGUILERA, V. et al. (orgs). In: *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005. p. 383-389.

SANTOS, Irenilde; CRISTIANINI, Adriana (org.). **Sociolinguística em questão**: reflexões e análises. São Paulo: Paulistana, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

**ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ**. Disponível em: <<http://alap.webnode.com.br/>> Acesso em: 12 de jul. de 2012.

**ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**. Disponível em: <[www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br)> Acesso em: 12 de jul. de 2012.

**ATLAS LINGUÍSTICO DO PARÁ**. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/alipa/>> Acesso em: 12 de jul. de 2012.

Recebido em 29 de novembro de 2012.

Aceito em 29 de março de 2013.